

“Vida em mar-de-rosa”: a crueldade do destino na literatura folkcomunicação de Beltrão¹

Eliane Penha Mergulhão DIAS²
Katsuji Watanabe Júnior³

Resumo

Este estudo privilegia o exame do discurso literário num conto de Luiz Beltrão e considera a cultura condição integrante das superestruturas sociais, quaisquer que sejam elas, nas quais se articulam os indivíduos e suas manifestações, na busca de resistir às pressões externas das mudanças de tempo, dos hábitos e até mesmo as mudanças na própria cultura. Vale lembrar que o folclore pertence à superestrutura da sociedade, cuja determinação está na infraestrutura que estabelece relações produtivas entre os homens. Este conto foi selecionado para que a análise desvele costumes, crenças e manifestações de vivências, incluindo ainda considerações sobre o fenômeno da migração no interior dos estados brasileiros, como Beltrão descreve em sua narrativa ficcional. Neste conto, ele mostra as duas faces dessa migração, entrelaçando vidas e destinos de modo a desvelar as trapaças do destino.

Palavras-chave: Cultura Popular. Destino. Folkcomunicação. Literatura. Luiz Beltrão.

Introdução

Na época em que Luiz Beltrão produzia a maior parte de sua literatura, o processo de migração dos nordestinos do interior para a capital do estado de Pernambuco empurrava grandes levas de indivíduos ao território do mangue. O conto de Luiz Beltrão analisado aqui vem mostrar a caracterização dos modos de vida de um novo perfil social em suas minorias: o mangue dos alagados e as pessoas pobres, a alta sociedade com sua riqueza construída com a cultura trazida de terras estrangeiras.

¹ Trabalho apresentado ao GT-8 Folkcomunicação, no **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** realizado de 3 a 7 de setembro de 2012 na Universidade de Fortaleza, em Fortaleza, CE.

² Mestre em Língua Portuguesa (PUC-SP). Doutora em Comunicação Social (UMESP), professora FATEC, UNIP. São José dos Campos, SP, Brasil. E-mail: elianemergulhao@terra.com.br

³ Graduando em Administração (ETEP Faculdades), São José dos Campos, SP, Brasil. E-mail: katsujjr@gmail.com

Beltrão lembra que todo capital cultural passa a ser também econômico quando circula, ultrapassando limite dos campos geográfico, político, sociológico, simbólico, para tornar-se valor e compor *status* para seus produtores. Assim é o caso das duas famílias que amparam os protagonistas deste conto. Sem dúvida, como sempre ocorre na narrativa de LB, há uma terceira protagonista, cuja vivência passou pelos alagados do mangue, denunciando a tristeza da fome e da pobreza extrema.

Beltrão é um defensor do papel catártico da literatura, e por isso em suas narrativas são encontradas as características apontadas por ele em sua teoria da Folkcomunicação. Assim, literatura popular, em seu papel simbólico, atua no imaginário do povo, fazendo resgate e manutenção da identidade e da preservação da memória cultural.

A Vida em mar-de-rosa

Este conto foi selecionado por ser a narrativa que aborda um dos tabus mais resistentes não apenas no Nordeste, em maior intensidade, como em todo o território brasileiro, em menor grau. Principalmente na época em que o conto foi escrito. Trata-se das relações familiares, centrado no comportamento da mulher em relação a seu marido, da paternidade e outras questões do casamento. O próprio título advém de uma expressão: “vida em mar-de-rosa”, que significa viver folgado, sem preocupação e feliz.

“Quem diria, heim, que um dia o conformado doutor Chevalier abandonaria a família, os amigos, a clínica, o conforto a que fazia jus, depois de mais de quinze anos de uma carreira prestigiosa?”

“Por causa do procedimento da mulher?”

“Não me venham com essa: o homem era um assumido. Pois não bastava olhar os filhos, todos mulatos, quando tanto ele como dona Menina eram brancos de quatro gerações.”

O início da narrativa apresenta um narrador onisciente comentando já o desfecho do conto, porém fazendo questionamentos que deixam o leitor instigado a continuar a leitura. Então, esse narrador começa a descrever a trama, não sem antes empregar o clássico recurso dos contos orientais, de atribuir à outra personagem o conhecimento da gênese da história.

“A genealogia do casal fora desde há muito levantada pelo professor Epaminondas, que desde rapzinho se dedicara à pesquisa e exposição conscienciosa da linhagem de todas as famílias notáveis da cidade. E dona Menina, **née** Gertrudes Linz, era um puro sangue de flamengos da melhor cepa, nenhuma falsa **van** das muitas mestiças que escreviam seus nomes complicados com dáblios e ipisilones. Seus pais não tinham vindo no tempo da invasão: tinham imigrado

fazia pouco menos de meio século, trazendo já dois filhos varões, Cornelius e Martins, de Amsterdam. O pai Linz não era um miserável desempregado ou um rude camponês. Trazia um pequeno capital e experiência no ramo: adquiriu e ampliou uma botica, onde lidava com ervas, pós e unguentos, além de negociar com mercadorias tão diversas como enxofre, açúcar cande e livros. Em Olinda nascera Gertrudes, derradeiro rebento do casal, com quinze anos de diferença para o mais moço dos irmãos. Estes, depois de homens feitos, foram atraídos para o sul, onde floresciam colônias flamengas. O pai se firmara como o mais conceituado boticário da cidade: aplicava ventosas, atendia acidentados, manipulava fórmulas com o máximo de escrúpulo. Foi esta última atividade de seu Linz Holandês, como o povo o chamava, que aproximou o médico doutor Chevalier da menina Gertrudes.” (grifos do autor)

Os dados históricos dos fundamentos da sociedade olindense são apresentados, lembrando a colonização holandesa do Recife, referindo à família da personagem Gertrudes.

“Quanto ao doutor, o pesquisador Epaminondas fora mais longe: o bisavô, francês, de sangue nobre, o cavaleiro Pierre de Saint Marchand, escapara à guilhotina na época em que Robespierres e Dantons se jantavam, depois de haverem almoçado duques, condes, marqueses e barões. Atravessara os Pirineus e se fixara na Espanha, onde desposara Mèlanie, que lhe dera um único filho, Alonso. O destino de Pierre era fugir: saiu da Espanha para Portugal, quando Napoleão, o Corso, anexara o reino. Mas quando as tropas de Junot entraram em território luso, o ancião não quis emigrar da Europa: entregou o jovem Alonso, de cuja nobreza só restara o título como sobrenome – Chevalier, a uma família de prestígio, que acompanhava o Regente para o território do ultramar, aquele imenso e rico Brasil, do outro lado do Atlântico. Alonso teria uns doze anos quando chegou ao Rio de Janeiro, mas logo a família que o trouxera fora mandada em comissão real para a Bahia. Certos sucessos políticos que revelavam um antilusitanismo crescente na Bahia, além de interesses comerciais, já que Alonso se dedicara a negócios de exportação, o trouxeram a Pernambuco.”

Com relação à segunda personagem, ou seja, à do doutor Chevalier, que é de verdade o protagonista do conto, as referências lembram a invasão francesa e o domínio da cultura francófila no Nordeste. Sem deixar de referir ainda à miscigenação composta por outras nacionalidades.

“O Recife, graças ao porto, se tornara o maior empório do norte do Reino. Ali, embora a rebeldia do povo, sempre metido em conspiratas e rebeliões, não havia aquele horror ao estrangeiro que se fizera patente na Bahia. Não sendo português, mas espanhol, e havendo adquirido com o trato com os senhores da terra e com os aristocratas do açúcar uma boa dose de liberalismo, Alonso encontrou na província valiosas relações de amizade, dinheiro e mulher. Casou com uma alemã, viúva, que viera contratada por um senhor-de-engenho para dama de companhia da esposa. Não lhe nasciam, porém, filhos, os anos passando, o espanhol, já naturalizado brasileiro, temendo ficar sem herdeiros.”

E assim o conto contextualiza acontecimentos históricos que ilustram e justificam a trama, isto é, o autor, apresentando distintas origens de suas personagens, de antemão parece que não as quer “desculpar” por suas ações, mas apenas mostrar na sua narrativa a crueza do mundo e do destino das pessoas.

“Um médico, velho e experiente, consultado no Recife, recomendou-lhe mudar de ares, transferindo-se para Olinda, com suas praias, seus coqueirais e cajueiros: banhos de mar, a água de coco e os caju colhidos e chupados em jejum tinham, segundo ele, efeitos afrodisíacos. Ocorreria o milagre: um mês depois, a esposa de Alonso engravidou, nascendo-lhe, afinal, o rebento do sexo masculino, a quem deu o nome de Pedro, em homenagem ao jovem imperador reinante. Até a morte da mãe, Pedro crescera como flor de estufa. E era ainda muito moço quando o pai o acompanhara à Bahia, onde fez o curso médico.”

Aqui, infere-se que a primeira escola superior de medicina disponível aos filhos dos senhores de engenho do nordeste brasileiro estava situada na Bahia. No Rio de Janeiro havia uma também, mas a cidade ficava geograficamente distante. O Recife oferecia à época uma escola superior de Direito, para onde acorriam os candidatos à Magistratura. E o médico era um elemento social de alto valor naqueles tempos de epidemias e falta de recursos em todos os sentidos.

“Alonso não queria retornar a Olinda: o falecimento da esposa o afetara mais do que imaginava. Afastara-se dos negócios, esperara que o ano terminasse para não prejudicar os estudos do filho, nunca vovera ao cemitério onde a sua alemã estava enterrada. Na Bahia, retomara antigas amizades, revia igrejas, praças, ladeiras; deixava-se ficar sentado nas pedras da Barra, olhando o horizonte, além de cuja linha estava a península ibérica, terras de Espanha, areias de Portugal. Pedro sentia saudades das colinas olindenses, do pantanal do Carmo, dos cajueirais e dos coqueirais das praias, do monte de giz, da bica do Bom Sucesso, dos conventos e dos palacetes do Alto da Sé. Mas não se animava a deixar o pai e ia clinicando nos hospitais de Salvador, adquirindo prática, frequentando laboratórios. Só quando Alonso faleceu, voltou à terra natal.”

As paisagens retratadas nestas lembranças da personagem levam o leitor a também se apossar delas, como algo rememorado por empréstimo, pois toda a literatura brasileira está permeada dessa memória bucólica desde Alencar, passando por Machado, e chegando a Beltrão.

“Abriu consultório na Rua de São Bento e, aos poucos, foi conquistando clientes, que vinham até mesmo do Recife para consultá-lo. Aceitara mesmo uma clínica no hospital do governo na Capital, para onde se dirigia uma vez por semana para dois dias, com um plantão noturno.”

“O doutor Chevalier era um homem tranquilo, nem parecia, salvo fisicamente, um descendente de franceses, espanhóis e alemães, gentes ativas, bulhentas e ousadas. Era tímido, caladão, ninguém jamais o ouvira altear a voz. Deve ter sido o contraste com Gertrudes, irrequieta, falante e desinibida que o havia levado a apaixonar-se pela filha do boticário.”

Neste trecho, o retrato ‘identitário’ da personagem mostra características inerentes às diversas etnias que formam o homem brasileiro, principalmente o das classes medianas, escolarizado, descendente das linhagens europeias aqui citadas. Beltrão é bastante feliz nessas descrições; a profissão de jornalista deve ter aguçado seu olhar para o contexto sem, contudo, desprezar os pormenores. Enfim, suas personagens literárias são mesmo palpáveis, críveis.

“Para o velho Linz, que notara desde o princípio o interesse do médico, aquele casamento viria a calhar. Nos seus vintes anos exuberantes, Menina era-lhe motivo de preocupações. Ao contrário da mãe, falecida havia sete anos, que poucas vezes fora vista na botica, passando o dia inteiro na parte residencial da casa, entregue aos afazeres domésticos, e que jamais se empenhara em aprender o português, a filha parecia um azougue: sem descuidar dos estudos num colégio de freiras, embora a família professasse a fé reformada, realizava com presteza o serviço da casa – cozinhando, lavando, passando roupa, limpando e arranjando a sala e os quartos – e, volta e meia, estava ao seu lado no balcão, conversando com um e com outro, com uma desenvoltura de causar escândalo entre os fregueses (especialmente às mulheres) mais bisbilhoteiros.”

A essa altura do conto, mergulhamos no universo presente da narrativa, tendo sob os pés os alicerces históricos daquela nesga de sociedade nacional, ainda em processo de formação, de uma classe escolarizada e detentora de certos brilhos culturais. O autor combina os cenários, enfatizando a riqueza da cultura popular, que é natural no povo nordestino e que reflete a sociedade de modo generalizado. Mas não deixa de mostrar a malícia da personalidade da mulher comum, cotidiana.

“A respeitosa e distante corte do doutor Chevalier suportou mais de um ano de indiferença, e acabou de repente. Era fim de abril, quando o médico foi surpreendido por uma pergunta da moça, à queima-roupa:

— O senhor falou sério quando, há tempos, disse que queria casar comigo?

— Não poderia ter falado mais sério, dona Gertrudes!

— Pois bem: vamos casar! E não me chame mais de dona Gertrudes! Para você e para todo mundo, eu sou Menina.

— Está bem, concordou o doutor. Deixe-me falar com seu pai...

— Não, cortou ela, eu mesma falo. Ele está de acordo:

— Pelo menos para marcar a data...

Menina assumiu aquele jeito brejeiro que surpreendia a tantos dos freqüentadores da botica dos quais queria motejar:

— Olhem para ele! Não sabe o senhor que quem marca o dia do casamento é a noiva? Mesmo um doutor de anel no dedo, qual o noivo que conhece os particulares de uma mulher? A data será... (fez uma pausa como se estivesse entregue a cálculos complexos, que, naturalmente,

incluíam tempo para os preparativos – o enxoval, a papelada, os banhos, os convites, o vestido...) ... daqui a vinte dias.

O médico se assustou:

– Assim, tão de repente? Podem pensar...

– Que pensem o que quiserem. Você sabe que maio é o mês das noivas? Vai ser lindo.

O boticário vinha lá de dentro, com um gral na mão, pois estivera a triturar substâncias para um pó dentifrício:

– Escuta aqui, papai! O doutor e eu vamos casar para o mês. O senhor concorda?

Enquanto resmungava o “está bem”, Linz Holandês pensava que o doutor Chevalier fora mais esperto do que aqueles dândis ricos ou o mulato frajola do Eusébio, que viviam a largar indiretas à sua Menina. Em silêncio, levava as primícias... Aquela pressa no ato público do casório falava por si.”

Este trecho apresenta ao leitor um breve retrato do *modus vivendi* da família brasileira, mesmo com algumas variantes; mas não deixando de citar o que é de praxe em costumes e crenças. (FREYRE, 2004)

“Após a cerimônia, no terceiro sábado de maio, os noivos embarcaram para a Bahia em lua-de-mel. Durante a viagem, enjoou tanto que só em Itaparica, num quarto de pensão, à beira-mar, Chevalier pôde buscar colher o fruto daqueles vinte anos de virgindade. Só que alguém se antecipara na safra.

– Você me enganou, Menininha – disse-lhe logo que sua respiração voltou ao normal.

Ela estava ali, de olhos cerrados, imóvel como se houvesse desmaiado.

– Você sabe que posso anular este casamento? Sabe que posso alegar engano quanto à pessoa?

Ela abriu os olhos muito azuis, cheios de malícia:

– Engano? Olhem para ele, o médico que não entende de leis. Como médico, meu caro, você deveria saber muito bem quando uma moça é donzela ou não. Afinal, você é um clínico, esperto em diagnósticos. Além do mais, será minha palavra contra a sua. É claro que foi você quem me ofendeu, tanto que não teve coragem de pedir minha mão ao papai, eu mesma é que enfrentei a fera...”

O ardil da trama foi descoberto. Neste conto, LB usa o recurso do *flashback* para ir temperando a trama e dando pistas ao leitor, de modo que um novo dado no conto se transforma em mais um elemento de suspense. Ele nunca critica as ações de suas personagens; apenas mostra uma situação simplesmente dizendo: é assim o mundo.

“Não havia realmente interesse em promover escândalo: deveria ter pesado bem aquela pressa em casar que ela revelara, aquela história de mês das noivas, a recusa de que a iniciativa de falar com seu Linz partisse dele. Vestiu-se e saiu do quarto para o terraço, sentou numa cadeira de vime, ficou o resto da noite e a madrugada olhando o céu e o mar. Depois do café, pagou a conta e rumou com a mulher para Salvador: até o fim da semana de lua-de-mel, em quartos separados, eram como irmão e irmã em vilegiatura.”

“O primeiro neto do boticário Linz nasceu de sete meses, conforme o avô desconfiava. Só houve uma surpresa: o garoto era mulato de olhos azuis, nada tinha da brancura e dos cabelos do doutor Chevalier. “Coitado!” – pensou, com piedade, o velho imigrante.”

“O segundo neto, dois anos depois, outro menino, era papel-carbono do primogênito: os mesmos olhos azuis, a mesma tez morena, os mesmos lábios grossos, os mesmos cabelos de mal com Deus. “Ela é incorrigível!” – constatou o avô com realismo.”

“A menina só chegou no ano seguinte: não fosse pelos lábios, até poderia passar por filha do médico. Era clarinha, cabelos pretos estirados, os olhos ainda mais azuis do que os da mãe. “Este homem tem sangue de barata” – concluiu seu Linz, que jamais ouvira do doutor qualquer recriminação ou simples referência à infidelidade da esposa. Ainda mais: os três filhos de Menina tinham sido registrados com o nome do doutor, todos legitimados, portanto. Um sangue de barata era o eco do julgamento público do facultativo.”

“Não só o boticário, mas toda a cidade se enganava. Linz Holandês morrera naquele ano na convicção da extrema complacência do genro; quem viveu, porém, ficou intrigado quando a notícia correu do Varadouro ao Rio Doce: o doutor Chevalier sumira da noite para o dia.”

Na estrutura moral da sociedade, o casamento é instituição sagrada com função de preservação tanto da linhagem genética quanto do patrimônio material da geração antecedente. Portanto, e mais por tais aspectos, a traição da mulher a seu marido constitui grave falta social (e moral) tanto quanto pecado (religioso) para a Igreja. A adúltera *beltraniana* tampouco sofre de dores de consciência.

“Naqueles quase treze anos de vida profissional e cinco de casado, o médico fizera fortuna: ampliara e reformara a casa assombrada da rua São Bento, de oitão livre, onde florescia um jardim com rosas, dalias e crisântemos, o tanque com a fonte, caramanchões ensombrados por jasmineiros e trepadeiras, com banquinhos de mármore e, ao fundo, o pomar com mangueiras, limoeiros e mamoeiros; adquirira terrenos num loteamento à beira-mar, para os lados da Casa Caiada, onde dona Menina pretendia construir sua residência de verão; instalara consultório bem aparelhado na ladeira de São Francisco, quase chegando ao Carmo, ganhava bons honorários como clínico da Saúde Pública. Embora atendesse aos pobres sem cobrar-lhes remuneração alguma, o doutor Pedro Chevalier tinha uma tabela seletiva: o principal da sua clientela era gente de posses – senhores-de-engenho, fazendeiros, altos comerciantes, capitães da nascente indústria, veranistas proprietários das melhores casas dos Milagres e do Farol, famílias abastadas da Zona Rural, dos Bultrins, de Maricota, de Beberibe, de Camaragibe, dos municípios próximos, de São Lourenço e Pau-d’Alho. Sua conta-corrente na Caixa Econômica ia para mais de cem contos de réis de saldo e, para cada um dos filhos de dona Menina, ao nascer, ele entregava à mulher dez contos de réis para uma caderneta, que ia rendendo juros – o pé-de-meia que asseguraria à família um futuro tranqüilo.”

A descrição deste parágrafo representa em tese o imaginário coletivo da sociedade brasileira, ou seja, que o médico, no exercício de sua profissão, principalmente em cidade

pequena, fica rico. LB faz um retrato da Olinda de seus tempos e deve ter tido seus modelos reais em quem espelhar suas narrativas. Imaginários à parte, médicos conseguem, até os dias atuais, vivendo em cidades do interior e sendo únicos profissionais clínicos em um raio de muitos quilômetros, atender à população local e, assim, amealhar certa fortuna para viver prodigamente na maturidade. Há exceções e controvérsias, com certeza. Mas esta é a visão genérica.

“O ritmo da vida do doutor Chevalier pouco se alterara depois da lua-de-mel na Bahia. O casal, aparentemente, mantinha relações normais, ainda que cada um dormisse em quarto separado – um costume dos nobres europeus, conforme se explicava. O médico cumpria rigidamente seu programa semanal: às segundas, quintas e sextas-feiras atendia em sua clínica particular; às terças, pela manhã, tomava o trem para o Recife, trabalhava no hospital do governo, pernoitava e continuava na Capital até a tardinha quando regressava a Olinda. Aos sábados e domingos era difícil localizá-lo: gostava de pescar, acompanhando um pescador do Rio Doce mar afora, ou embrenhava-se nas matas, além das Bertiogas, para caçar, ou ainda, tomando sua carruagem, fazia visitas a amigos no Recife ou em outras cidades próximas. Salvo em ocasiões especiais – os partos da mulher, o batizado das crianças, o aniversário ou o casamento de algum cliente destacado, a rotina do doutor não se alterava.”

Bem trabalhado na narrativa, entra aqui outro elemento do suspense... aqui entra em cena o lado B da vida e a antagonista do conto.

“Dona Menina (e com ela toda a população da cidade) nunca soube – nem se interessaria da existência de Oneida. Ao contrário da esposa, loira e exuberante, e de sua auxiliar na clínica de Olinda, dona Faustina, a caminho dos quarenta anos, morena, magra, alta e musculosa, cuja bata de trabalho engolia-lhe as parcas protuberâncias dos seios miúdos e dos quadris estreitos, a enfermeira Oneida tinha pele alva e sedosa, cabelos e olhos negros, um corpo proporcionado à sua estatura média. Era comedida nos gestos, em sua face bailava sempre um sorriso, como se toda a sua existência houvesse sido um mar de rosas.” [...]

“Contudo, desde quando o doutor Chevalier se tornara seu amante, passando com ela as manhãs das quartas-feiras, ouvira-lhe a história acidentada: uma infância pobre de agricultor sem terra no Ceará, o flagelo da seca, a caminhada de retirante, o assalto de bandidos, a morte do pai e dos irmãos, ela e a mãe num mocambo de alagado recifense, a fase das esmolos, a fase de empregada doméstica, o encontro com o doutor Perdigão, que a deflorara, mas a empregara no hospital como servente, depois como auxiliar de enfermagem, a mãe desaparecendo quando soube da sua perdição, a promoção à enfermeira do quadro do hospital, a aquisição daquela casinha na ilha do Leite, a ausência de homens na sua vida, desde a morte de Perdigão num acidente com sua carruagem, a solidão até que ele, Pedro Chevalier, inflamasse seu corpo de desejo.” [...]

“Eram amantes, fazia mais de ano, quando Chevalier lhe comunicou que ia casar. Oneida não esperava outro fim para aquela ligação: jamais alimentara a ilusão de transformar-se em sua

esposa. Compreendia também que a honestidade natural do médico não lhe permitiria continuar, como uma aventura extraconjugal, o romance que mantinham e do qual ninguém suspeitava, nem mesmo as mais íntimas companheiras do hospital.” [...]

“A última quarta-feira foi toda feita de carinho, de beijos, de identificações. Oneida vivia aquele instante o dia mais venturoso de sua existência: os corpos nus, ao calor da manhã outonal, eram tocados mutuamente com a suavidade das despedidas sem mágoas, e se uniam no prazer de fome saciada.”

A segunda protagonista da trama somente agora é materializada para dar ao leitor a noção de temporalidade do conto... na verdade, Oneida é a antagonista da narrativa e a representante dos excluídos *beltrianos*.

“Oneida voltara à sua solidão, mas agora tinha muito a recordar, uma reserva de ternura e afeto lhe permitira manter na face o sorriso de vida em mar-de-rosa, os noivos voltando da lua-de-mel, ela se preparara para a grande prova; no hospital mantiveram, médico e enfermeira, o relacionamento formal de sempre. Agora, terminava o plantão, ele deveria sair para o norte, em demanda da rua Aurora, onde pegaria a primeira maxambomba para Olinda; ela rumaria para o sul, em demanda da casa vazia da ilha do Leite. Saíra apressada, sem sequer prolongar os momentos de ansiedade que à noite – juntos e tão distanciados – fizera brotar em sua alma. Temia as últimas sombras da noite, os vultos raros embuçados à frieza da madrugada, ouvia passos a persegui-la, passos que se aproximavam mais rápidos, ameaçadores. Era uma criatura corajosa: decidiu enfrentar o seu perseguidor. Parou, voltou-se: ele a acolheu nos braços abertos, estendidos em sua direção. Contou-lhe em breves palavras a armadilha em que se deixara apanhar. E ali, na rua quase deserta, ao som do sino de uma igreja que chamava para a primeira missa do dia, o doutor Chevalier transferiu para Oneida o voto de fidelidade eterna a que a outra não tinha direito.”

O ponto de tensão da trama fica então parcialmente desvelado, mas ainda há o desfecho para o leitor conhecer. Neste trecho, LB coloca em destaque os valores seculares da família cristã, isto é, a fidelidade matrimonial.

“Os anos passavam, os filhos de dona Menina nasciam mulatos, um após outro, as manhãs das quartas-feiras eram sempre luminosas e quentes na pequena casa da ilha, mas o médico não gerava filhos em Oneida. Já quase conformado com o que lhe parecia herança familiar, encheu-se de esperança certo dia (quando dona Menina dera à luz o terceiro fruto de sua relação com o amante mestiço a quem jamais buscara identificar), em que Oneida o informara não lhe haverem chegado os dias de indisposição. O doutor exultou e viu-se cheio de cuidados, zelo e orgulho: teria, afinal, o seu próprio filho, carne de sua carne do sangue generoso daquela mulher corajosa e bela, a sua esposa real.”

Na sequência, a infidelidade da primeira protagonista é ressaltada. Agora se inverteu o polo da trama. Uma nova crise se prenuncia no conto; enquanto o autor vai narrando sua história, vai também contando os sonhos e os temores das personagens, de modo a fazer um

inventário daqueles sentimentos e desejos por quais passam as pessoas que viveram tais situações.

“A criança nasceria numa quarta-feira, estava certo. Além da parteira, era uma experimentada profissional da Boa Vista, Oneida e o seu bebê teriam assistência de ginecologistas e pediatras do hospital e de suas companheiras. E ele, como clínico geral, poderia acompanhar no plantão todas as fases do nascimento do seu filho, tão longamente esperado.” [...]

“Não foi assim: Oneida sentira as primeiras contrações no domingo à tardinha. Não chamara a parteira, poderia ser um rebate falso. Ademais, pensava, se ficasse quieta, sem dúvida retardaria ao máximo a hora de dar à luz o filho. Talvez conseguisse fazer coincidir o nascimento do filho com a presença do pai, naquele dia pescando no alto-mar ou caçando nas matas para além das Bertioegas. Teve, já hora avançada, a impressão de que, afinal, conseguira impor a sua quietude ao bebê: ele deixara de espernear, revolver-se, esforçar-se para sair das trevas interiores para a treva da noite morna.” [...]

“Na manhã da segunda-feira, pedira ao vendedor de pães que, na outra rua, avisasse à parteira de seu estado. A comadre chegou: não conseguiu ouvir o bater do coração da criança, cuja posição também não lhe parecia normal. Oneida foi levada ao hospital e lá o médico confirmou a morte da criança e a necessidade de cesariana para retirá-la. Oneida não resistiu à operação.”

Como nas narrativas gregas, e como é seu estilo em outros contos, LB não faz aqui concessões ao destino de suas personagens... ele apenas conta o que realmente poderia ter acontecido de fato a qualquer vivente neste mundo cruel.

“O doutor Chevalier não chegou a ver o filho: disseram-lhe que a enfermeira Oneida, sem saber que a criança estava morta, mas sentindo que lhe faltavam as forças, ao entrar para a sala de parto, pedira que, se o pior acontecesse, batizassem a criança como Pedro ou Pedrina (nome do pai do bebê ou do seu próprio pai, não sabiam). Mas que não perdera a coragem a conservara, na morte, o mesmo sorriso todo seu de vida em mar-de-rosa.”

Como um seguidor de Petrarca, LB compõe seu drama narrativo com antecipadas evidências do desfecho, porém o clímax ele só completa no final, como o arremate de um soneto composto por undecassílabos perfeitos.

“O doutor cumpriu todas as obrigações do dia, deu plantão com a nova ajudante, tomou café, fez uma visita ao cemitério, liquidou a conta na Caixa Econômica e saiu da história. Dizem que foi para o Acre, tocado pela febre da borracha. Dizem que para assistir aos índios de uma missão presbiteriana na selva mato-grossense. Dizem que para a Europa, enfim.”

E Beltrão, completando sua obra ficcional, deixa ainda o leitor preparado para desejar outras leituras, pois suas tramas abrem uma janela sobre a qual se pode debruçar em busca de outras tantas histórias. Os cenários desenhados por LB são aquarelas feitas de palavras para as paisagens da cidade de Recife, de Olinda, e de tantas outras cidades que conheceu e que, em sua obra, soube preservar.

Sobre literatura e Folkcomunicação

Na dinâmica do processo da criação artística há dois níveis distintos: no primeiro, o artista permanece na região dos conceitos, das formas, dos sons e das palavras já construídas pelos seus antecessores e armazenadas na *linguagem* usual. [...] o outro processo de criação é aquele em que o artista atinge, no plano interior, tal dimensão que necessita, para exprimi-la, forjar palavras, criar ideias, alterar ritmos, violentar cores e sons, já que o conteúdo de sua mensagem não se adapta aos padrões existentes e conhecidos. (BERGSON⁴ *apud* BELTRÃO, 1972:69)

Se, para Beltrão, *folkcomunicação é o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore*, e se para chegar a tal teorização ele teve que investigar e identificar os agentes que realizam esse intercâmbio, também, é possível afirmar que ele, teórica e ficcionalmente, através de sua obra, foi um ativo agente folkcomunicacional. (BELTRÃO, 2001)

Para formular comentários sobre sua obra literária, vale lembrar que este estudo vem, juntando-se a outros apresentados anteriormente, considerar a teoria da folkcomunicação presente em elementos importantes na construção literária de LB, de modo que ele põe em movimento um cenário de figuras, de crenças e de alegorias da cultura popular nordestina, entremeados por sua cultura e sensibilidade pessoais.

Para Beltrão, e para outros estudiosos da comunicação social, o espaço social define e é definido pelos agentes que o compõem ou o modificam. Como todo espaço social é hierarquizado, não existe em uma sociedade também hierarquizada espaço que não exprima tais hierarquias e distâncias sociais. Ainda que de forma dissimulada, tais distâncias são as diferenças produzidas pela lógica do mundo, mas que podem parecer naturais quando surgidas da própria natureza das coisas. Para bem tratar o espaço social na obra literária de LB aqui analisada, temos que levar em conta o espaço reificado, isto é, o espaço fisicamente realizado ou objetivado. Aqui, visto especialmente como um lugar de ação, de oportunidade, de existência.

Um dos espaços reificados mais importantes, assim tornado valioso pela instituição do capitalismo, na cultura ocidental formando um jogo de palavras, vem a ser “a capital”, oposto direto do subúrbio, do campo, da província. Nessa narrativa, a capital se apresenta como um amplo local de possibilidades, onde há recursos, onde o indivíduo pode encontrar

⁴ Referência à obra *A evolução criadora (L'Évolution créatrice)*, publicada originalmente em 1907.

lugar de viver, enquanto seu oposto é um lugar menor, restrito, como o bairro proletário, uma cidade do interior. Nos lugares restritos, as proibições e anulações se impõem, abortando promessas então implícitas na grande cidade (na capital).

Considerações finais

A face simbólica da cultura ao ser analisada é a que expressa o modo de vida das sociedades nordestinas, tanto de classe baixa como alta, cuja principal característica é a crença arraigada num modo de viver e perpetuar os destinos. A análise deste conto busca demonstrar o quanto a cultura de um grupo social pode estar sedimentada nas crenças e ações do cotidiano de uma dada sociedade ou grupo social, permeando e definindo o destino de seus protagonistas. O modo como isso se mostra no mundo está inerente no discurso cotidiano e aparece representado nas referências ao folclore e às manifestações da cultura popular.

A princípio, a personagem do médico aparece um tanto obscura, sempre dominada por sua antagonista. Porém, como personagem esférica, isto é, que evolui e se transforma durante o decorrer da narrativa, aos poucos cresce e se impõe na trama. Como na maioria dos contos de LB, a personagem toma um rumo desconhecido ao final da narrativa, ficando o leitor com a obrigação de tomar partido e decidir seu final. O médico *beltraniano* representa a porção culta e escolarizada da sociedade retratada pelo autor. Mas, sem retoques literários, é uma personagem triste e infeliz. Não lhe é permitida a pândega, a festa, a felicidade.

Quando parece que enfim vai alcançar o paraíso terreno da alegria completa, via realização de valores seculares da família com o nascimento de um filho legítimo, eis que a sorte negra se lhe interpõe o caminho. Assim, para finalizar o conto, o autor desenha uma trama sem final feliz na qual o protagonista sai da história de fininho e a antagonista fica sem revés ou castigo. Ou seja, nesse conto, LB não julga suas personagens. Mostra apenas como age o destino, que quase sempre parece cruel.

Este trabalho, portanto, cumpre a finalidade de explorar e abrir novos caminhos no campo dos estudos literários dentro da Folkcomunicação, que se torna a cada dia mais amplo e clarificado pelos esforços de tantos comunicadores e estudiosos, tanto da cultura de massa e por extensão da cultura popular, quanto da Folkcomunicação propriamente dita e de seus mais recentes desdobramentos teóricos.

Referências

BELTRÃO, Luiz. (2004). *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: UMESP: Cátedra UNESCO

BELTRÃO, Luiz. (2001). *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

BELTRÃO, Luiz. (1989). *Contos de Olanda*. Recife (PE): FUNDARTE/ CEPE/ Governo de Pernambuco.

BELTRÃO, Luiz (1972). *Sociedade de massa: comunicação e literatura*. Petrópolis (RJ): Vozes.

FREYRE, Gilberto. (2004). *Nordeste*. São Paulo: Global.